

## Evento Avaliação – Integração de Métodos em Avaliação: possibilidades e limites

Transcrição das falas de Ana Luiza Borges e Juarez Pereira Furtado

Parte 2. Juarez Pereira Furtado:

O convite feito pela Martina, pelo Instituto Fonte, pelo Itaú Social, foi acolhido por mim com muito gosto, eu acho que é sempre bom poder discutir avaliação com colegas da avaliação em geral. Eu tenho tido alguma proximidade com o pessoal do Fonte por conta de alguns trabalhos que a gente tem feito juntos e por isso vai ser uma tarefa relativamente tranquila.

Eu queria inicialmente pensar com vocês, já que a gente vai falar de integração de métodos em avaliação: por que é que a gente avalia? É claro que no varejo a gente sempre tem sempre muita justificativa, explicação do porquê a gente avalia. Mas no atacado, mais essencialmente, o que nos leva a avaliar? Parece óbvio mas às vezes não é, né? Eu fiquei alguns anos trabalhando sobre essa temática e aí um dia eu me perguntei isso e pensei: mas olha, não tinha me feito essa pergunta, ainda... Então por que a gente avalia? Além do óbvio, né? Porque os eventuais apoiadores exigem, tem os objetivos e tal... mas...

Alguém da plateia: Para aprender. Não se melhora aquilo não se pode avaliar, né?

Juarez: E que mais?

Alguém da plateia: Medir, verificar... Ajustar as ações

Juarez: Medir, verificar... Ajustar as ações... a gente tem um rol de coisas pra dizer o porquê a gente avalia e certamente todas procedem, ainda mais que a gente está entre especialistas em avaliação aqui. Mas tem uma questão que eu acho que também é um porquê da gente avaliar e que eu acho importante ressaltar: a gente avalia porque o que a gente planeja e o que acontece na realidade nunca são a mesma coisa. Se a gente tivesse controle total do planejamento e depois o encontro do planejamento com a vida real fosse sem arestas, sem congestionamento, sem buracos, a gente não precisaria avaliar. Porque o nosso plano é sempre maravilhoso, mas ao ir para a prática vamos confrontá-lo com as vicissitudes da prática, com o inesperado, e nesse enfrentamento surge na verdade uma terceira coisa. Não é nem a realidade, nem o plano que a gente tinha na cabeça, mas uma outra coisa. E essa outra coisa frequentemente a gente não sabe o que é. Então a gente tem que humildemente ir lá e falar – Mas o que é que aconteceu com aquilo que eu gostaria de ter feito? As vezes muda para melhor, às vezes tem efeitos colaterais que não se esperava e que são muito bem-vindos, tem questões que não eram sequer sonhadas e que aconteceram e tem outras que são complicadas. Então aí é vêm as correções de rota, as adaptações. Mas eu acho importante ressaltar esse caráter de uma certa humildade da avaliação, no sentido de que a gente sabe que as nossas pretensões se tornam outra coisa e ao avaliar a gente vai aferir enfim o que é que se deu com as nossas pretensões.

A minha fala basicamente vai ser o seguinte: eu vou dizer que a integração de métodos acontece porque a gente tem métodos, então isso já é uma boa notícia, mas essa integração se dá de diversas formas. Eu não acho que se pode integrar métodos sem saber que eles têm raízes, nascedouros muito distintos. Eu não acho que isso significa colocar tudo no liquidificador e fazer uma pasta. Eu acho que tem que integrar, mas sabendo que a gente está integrando diferenças que tem raízes muito mais profundas do que “ah, eu hoje eu acordei mais quanti” ou “hoje eu acordei mais quali” (risos).

É isso que eu vou querer dividir com vocês, peço a sua paciência porque talvez tenha alguns momentos em que fique um pouco mais teórico, mas eu acho que é um esforço que vale a pena pra gente caminhar nessa questão. Então eu diria que a simples ideia de integrar coisas, áreas, iniciativas ou projetos, traz consigo ao menos duas boas notícias ou perspectivas. A primeira é de que há riquezas, diferença e diversidade que estão pairando em torno daquilo que estamos abordando. Afinal, só integramos coisas que não são a mesma coisa. A segunda boa notícia é que há também intenção de aproximar essas diferenças, criando pontes, complementaridades ou tensões dialéticas – porque eu também não quero achar que é uma história da carochinha, né? Afinal, só nos daremos ao trabalho de integrar alguma coisa, na medida em que vislumbramos avanços possíveis em nossas iniciativas a partir dessa aproximação. Quer dizer, as duas boas notícias são: que há diversidade e que a gente quer construir pontes entre essas diversidades. Quando vocês chamam pra esse debate, acho que [vocês] estão apontando para essas duas perspectivas.

A integração entre disciplinas e profissões ilustra bem o que estou dizendo. Todos nós aqui presentes sabemos bem como as noções de interdisciplinaridade e interprofissionalidade são importantes, dentre outras coisas, pra nos lembrar da miríade de áreas e profissões existentes e a necessidade de criar trânsito entre elas. Todos nós aqui sabemos como não é fácil concordar com as concepções de interdisciplinaridade e, por outro lado, como é difícil traduzir os conceitos para a prática de uma maneira adequada. Não por acaso essa integração entre disciplina e profissão constitui um tema importante e relativamente antigo, que apresenta sempre um quê de novidade.

Eu duvido que a gente consiga achar alguém que seja contra a interdisciplinaridade, a interprofissionalidade. Todos nós somos a favor, mas elas são sempre difíceis, complicadas de serem realizadas de fato, em qualquer área. Então eu quis trazer um pouco esse exemplo de que a integração sempre é algo requerido e de consenso, mas não quer dizer que seja fácil.

Nos referimos à interdisciplinaridade por considerarmos que a integração de disciplinas, de profissões e, mais especificamente, a integração de métodos em avaliação, não por acaso guardam algumas semelhanças na medida em que todo esse conjunto refere-se à aproximação de áreas que comportam concepções de mundo e modos de operar distintos. E aqui adiantamos algo de importante a ser destacado: assim como o sabemos – no que tange à interdisciplinaridade, precisamos estar cientes de que a integração de métodos em avaliação de programas e serviços nunca vai ser algo completamente resolvido e livre de tensões, justamente porque trata-se da aproximação e do convívio das diferenças. Todos nós aqui já somos adultos e sabemos que precisamos e queremos a diferença, mas a gente sabe como é difícil conviver com o diferente. Já disseram que “o inferno são os outros”, não é à toa, não é? Porque realmente não é fácil, mas também, por outro lado, dizem que “é impossível ser feliz sozinho”. Então a gente fica nessa tentativa a vida inteira de conviver com a diferença.

E se pretendemos realmente o convívio de diferenças e não a simples assimilação ou completa submissão de um referencial ao outro, a tensão e a sensação de eterna negociação e construção serão inevitáveis e talvez até desejáveis. Eu diria que são desejáveis. Até porque o oposto disso seria a tranquilidade da uniformidade, mas nesse caso não teríamos diferenças que pudessem dialogar, complementar e, principalmente, criar movimentos. Esperamos com essa breve introdução, marcar uma posição importante: a de que a integração de métodos, implica a aproximação de potencialidades importantes para a realização das avaliações, mas essas potencialidades são profundamente distintas entre si, desde os níveis operacionais mais corriqueiros, até os patamares mais profundos, abstratos e filosóficos. Justamente por essa diferença em vários níveis, se buscamos a integração, essa deverá ser necessariamente avessa à ideia de nivelamento, de homogeneização ou de fusão.

Bem, neste momento vamos entrar em um aspecto mais nuclear aqui do nosso encontro, que é o quantitativo/qualitativo. A integração de métodos de que estamos falando no encontro de hoje

refere-se à aproximação e efetiva utilização dos referenciais quantitativos e qualitativos na avaliação de programas e serviços. Com meus alunos de graduação e às vezes até com os de pós graduação, num início de conversa, costumo lhes dizer que o quantitativo diz respeito a um referencial de pesquisa que se ocupa da extensão das coisas, no qual os dados centrais se apresentam em forma de números e que busca a objetividade e a identificação de relações de causa e efeito possíveis de serem extrapoladas para outros contextos. Digo-lhes também que qualitativo é um referencial de pesquisa que se ocupa da profundidade do que se pode captar em um único fenômeno, no qual o dado central são palavras e outros signos a serem compreendidos em seu contexto. Palavras e números, explicação e compreensão, indução e dedução: é a integração de tudo isso que queremos discutir hoje. Uma tarefa realmente importante.

Posicionadas lado a lado, as características de cada um dos referenciais, por si só, são reveladoras do quão distintos são eles. E assim como no caso dos icebergs, essas são apenas a ponta visível de algo muito mais profundo que lhes sustenta. O que queremos dizer? Por trás dessas vertentes que caracterizam o que seja quanti e o que seja quali, existem paradigmas e concepções arraigadas sobre o que é a realidade, sobre os nossos modos de produzir conhecimento, e as técnicas correlacionadas para captar essa realidade e produzir esse conhecimento. Assim, o modo como o pesquisador ou o avaliador compreende o que seja a realidade e o que seja o conhecimento vão, por sua vez, definir os métodos e técnicas de avaliação. Tudo isso junto, vai inserir um referencial quanti ou um referencial quali. Então como a gente vê a realidade, como a gente vê o mundo, como a gente pensa que o conhecimento pode operar é que, na realidade, vai desaguar de cá ou de lá. Em linguagem “de ir à festa”, ou “de ir à missa”, como diria a minha avó, as questões que a gente pode chamar mais bonito de questões ontológicas, relativas a como se concebe aquilo que a gente chama de realidade e as questões epistemológicas, relativas ao que é e como se gera o conhecimento, e as metodológicas – que são os caminhos, as regras para analisar ou bem um serviço, um programa – que são interligadas. Essas três dimensões: ontológica, epistemológica e metodológica diferem profundamente nesses dois paradigmas (quanti e quali). A distinção central entre esses dois paradigmas, se a gente for voltar muito, seriam as das escolas filosóficas do realismo e o idealismo e suas reformulações posteriores. Sendo a abordagem qualitativa essencialmente interpretativa e a abordagem quantitativa de natureza analítica.

Para (???), um casal de autores muito conhecidos na nossa área, o paradigma quanti positivista ou pós-positivista baseia-se em uma ontologia realista que pressupõe a existência de uma realidade independente do observador e de seus interesses. Uma realidade que é imutável, regida por leis naturais, da qual será extraída a verdade. A epistemologia deste paradigma é calcada na objetividade e na relação sujeito-objeto desprovida de influências mútuas. A metodologia é, portanto, impermeável ao contexto e busca estabelecer como o objeto realmente é e como realmente opera, supondo-o como uma verdade não-relativa (estamos falando de tipos ideais, de tipos puros). Por outro lado, para esses dois autores, o paradigma construtivista baseia-se numa perspectiva ontológica relativista (que faz relações, relativiza) que considera muitas e socialmente construídas realidades (eles costumam dizer sempre que a realidade não existe como uma exterioridade, mas é uma construção, um pacto que a gente faz) e que não é governada por leis naturais – pelo menos a realidade social. Neste caso, a epistemologia considera a interação e reconstrução mútua entre objeto, investigador e realidade. Eles vão dizer sempre que quando a gente vai investigar, vai avaliar, é uma interação que não é asséptica e nem deve ser, pelo ponto de vista deles. No referencial qualitativo, a realidade não existe como tal, mas constitui uma construção social, ou seja: nossa realidade é feita dos signos que compartilhamos entre nós. Trazendo um exemplo que é bem próximo do nosso dia a dia, se a gente pensa em fazer uma avaliação participativa, o que estaria na raiz dessa ideia? Que aquele serviço, aquele programa, aquela iniciativa, não pode ser objetivada. Porque senão não precisaria colher as várias perspectivas dos vários envolvidos. Porque se cada um vê de uma forma, tem uma concepção, então eu posso achar que é porque eu acho que a realidade daquele programa não é uma só, mas são várias construídas por cada grupo, cada perspectiva. E a forma de conhecer essas realidades se dará por meio de interações entre

pesquisador e objeto que se influenciarão mutuamente. Por fim, ainda dentro do referencial qualitativo, encontraremos métodos que fazem jus a esse modo de conceber a realidade e esse tipo de produção de conhecimento: observação participante, etnografia, entrevistas abertas e por aí vai. Já o referencial quantitativo concebe a realidade como uma exterioridade passível de ser objetivada e o conhecimento se faz por meio da relação sujeito-objeto desprovida de influências mútuas.

Assim chegamos à questão que me parece central nessa conversa: Seria possível integrar métodos, ou melhor dizendo, referenciais, que possuem visão do que seja realidade e modos de interação sujeito-objeto profunda e completamente distintos?

Claro que não é difícil colocar em uma caixa de ferramentas de avaliação a entrevista aberta, a observação participativa, juntamente com um questionário fechado, por exemplo. Mas vejam que para se aplicar essas ferramentas e depois analisá-las e integrá-las, teremos que buscar justificativas em concepções de mundo, de ciência e de avaliação muito distintos. Aí fica a questão: Seria possível juntar iniciativas provenientes de noções tão diferentes? Se sim, de que maneira? Vamos seguir um pouco nessa direção.

Como seria de esperar, o debate entre quali e quanti tem seus determinantes históricos e sociais, e especificamente com relação ao campo de avaliação, surge nos Estados Unidos nos anos 60, quando as limitações apresentadas pelos métodos quantitativos mostraram limitações importantes. Então a produção de teoria não é exatamente teórica. Aliás, eu gosto de uma frase do Bourdieu, que diz “não há nada menos teórico do que a produção de teoria”. Eu queria chamar a atenção de que o surgimento de uma avaliação mais quali ou mais quanti, acontece também por questões nada teóricas, mas pragmáticas dos Estados Unidos nos anos 60, ávidos por avaliar tudo o que eles estavam fazendo na época e constatando a insuficiência dos métodos quanti. Tem um francês, o Eric Monnier, que estava nos Estados Unidos nessa época e ele relata, com uma visão de estrangeiro ali dentro, essa explosão da necessidade de avaliação na (?? society??) e como era insuficiente, lá... O pessoal pegava aquelas experiências em escala pequena e tentava aplicar em programas federais e isso não deu certo, abrindo espaço para o surgimento de alternativas que formulam métodos e técnicas quali que vão surgir nos anos 70 e 80. Avaliadores se posicionaram de um lado ou de outro destes polos e outros tentaram encontrar um meio-termo ou possíveis aproximações entre esses referenciais. Se considerarmos as datas citadas, teremos aproximadamente uns trinta anos desse debate. Mas eu volto a dizer: assim como o debate sobre interdisciplinaridade é sempre atual, embora seja antigo, a integração de métodos também é sempre atual, embora a gente possa ver aí pelo menos uns 30 anos dessa discussão.

Mas eu queria afinar mais um pouco e pegar quatro categorias que a gente montou há um tempo atrás, pra pensar isso. Ok, então existe o método quali, o quanti (embora a palavra método não seja a melhor, porque na verdade são referenciais, né?), então como é que seriam as possíveis aproximações? Então eu propus estas que estão aí: uma é não querer – ou não se aproximar objetivamente – este é um tipo de posicionamento em relação à integração, então por isso é que está aí a incompatibilidade. Tem autores que são radicais e para eles é insustentável qualquer integração entre esses dois referenciais tão distintos. Existe um que a gente chama de desvinculação: aqui se utilizam os métodos mais adequados para determinado contexto, segundo seus defensores, sem extrapolar a discussão para a questão paradigma, ontologia, epistemologia, ficando o avaliador livre para costurar os resultados como quiser. Digamos que é um radical pragmatismo que desconsidera o que a gente vem dizendo: que há uma raiz, um porquê de a gente usar um referencial mais do que outro. Aí outra seria a justaposição: o que eu queria dizer é que os elementos constituintes de cada referencial permanecem distintos e operacionalmente autônomos, fiéis a seus elementos constituintes. Um exemplo seria de avaliações sequenciais, na qual um estudo serviria de base produzindo um documento para a etapa seguinte. É aquela velha história: a gente faz uma coisa mais quali, dá uma explorada e depois vem com um batalhão quanti e dá conta dessa história, né? Então é uma integração, sem dúvida, do ponto de vista de que pressupõe a existência dos dois, mas

é igual à interdisciplinaridade de quando você vai num ambulatório tem um médico aqui, outro aqui, outro ali e “é inter”, porque você vai numa porta e na outra, mas não é na verdade, né? (risos) Tem a integração teórica, mas não tem na prática, porque passar por três especialistas não necessariamente significa que você foi visto integralmente. (...) E aí uma coisa mais complicada, que seria talvez mais interessante, falando em interação, é o que a gente está chamando de interposição. É uma integração que realmente considera a complexidade e sofisticação dos paradigmas que vimos tratando e que deve necessariamente pressupor uma aproximação sem fusão, de forma imbricada, no qual os referenciais permanecerão preservados. Neste modo de integração de métodos, ao mesmo tempo se preservam os princípios do mesmo e se observa a finalidade da avaliação. Aí, daquelas palavras eu ainda vou agregar o aspecto teleológico, que é o dos fins: princípios paradigmáticos e finalidade da avaliação passam a determinar os modos de cooperação e integração entre métodos. É como se eu dissesse “olha, essas questões valem: concepção de mundo, de ciência, de conhecimento etc.” e também “pra que essa avaliação vai ser feita?” – não pra que no sentido mais imediato, mas o objetivo mais essencial daquela avaliação que está sendo colocada em movimento.

Assim sendo, uma vez definida a finalidade essencial da avaliação e a pertinência em, de fato, valer-se da integração entre os dois métodos, trabalharemos em acordo com a ideia de que um deles (quali ou quanti), cumprirá papel subsidiário ao outro. Aí é que mora o perigo e é aí que talvez esteja o debate, depois. Essa forma de integração nos parece especialmente interessante na medida em que considera e que preserva as concepções de mundo que sustentam cada referencial ao mesmo tempo em que permite a colaboração simultânea entre os métodos, garantindo a predominância do referencial mais apropriado ao que se quer perseguir. Então eu estou dizendo que é uma integração mas que tem a preponderância de um deles. Assim, se a necessidade é de compreender em profundidade e no próprio contexto, teremos a predominância de um referencial qualitativo. Se por outro lado, a necessidade é explicar, fazer correlações, generalizar ou prestar conta para dirigentes distantes, é possível que predomine o referencial quantitativo. Lógico que podemos desenvolver uma avaliação de uma determinada rede de serviços com a intenção de compreender as várias questões dos principais atores envolvidos, de maneira participante e permeável ao meio, lançando mão de grupos de discussão, observação participante e sobretudo de um referencial qualitativo, porém nada nos impede de sistematizar um conjunto de informações numericamente: dados objetivos sobre aspectos da estrutura do processo e de resultado dessa nossa rede de serviço em questão. Mas tais informações podem vir a constituir um pano de fundo importante de nossa avaliação, contribuindo para o percurso como um todo, mas não descaracterizando uma iniciativa que, em sua essência, neste exemplo, é qualitativa na forma de conceber a realidade, de produzir conhecimento, e na forma como utiliza a maioria das técnicas de coleta e análise de dados. Aqui eu me inspirei em experiências que a gente teve de fazer avaliações em que a questão era basicamente compreender, que eram participativas, enfim, que por várias razões elas eram essencialmente qualitativas. O que não impediu que a gente também lançasse mão de instrumentos, de métodos de origem quantitativa, mas era subsidiário, era sempre algo que fazia um pano de fundo, suscitava discussões, mas não descaracterizava aquilo que a gente mais pretendia naquela avaliação, segundo os referenciais que a gente estava utilizando.

Essa última tipologia de interposição nos permite afirmar a existência de avaliações quali puras e avaliações quali com subsídios quanti. Da mesma forma há avaliações quanti puras e avaliações quanti com subsídios quali. A ênfase a um ou a outro neste caso não significa submissão, ao contrário, significa respeito às essências de cada referencial e a recusa de unificá-los sob o custo de descaracterizá-los naquilo que eles possuem de essencial. Deste modo seria mais adequado falar de avaliações quantitativas com subsídios qualitativos ou avaliações qualitativas com subsídios quantitativos.

Finalizando, resumiremos nossa posição discutida até aqui. Considerarmos importante e necessária a integração dos referenciais quantitativos e qualitativos em avaliações, mas devemos fazê-lo

cientes de estarmos aproximando mundos práticos e teóricos distintos. Não é possível fundi-los sem sacrificar a riqueza que detêm. Por isso vale a pena colocá-los em colaboração do tipo interposição, no qual operam juntos, mas sob a predominância de um ou de outro referencial. Essa predominância será definida pela finalidade de nossa avaliação, de acordo com as questões que ela deve responder e com os atores que a colocaram em andamento, mas tudo isso não impede que os dados de um e de outro referencial estabeleçam diferenças e conflitos. Isso também é uma questão importante. E aí como resolver? Qual deles estaria correto? E mesmo que o outro seja só subsidiário, preserve um referencial assim ou assado, eles ainda assim podem conflitar. Penso que esta constitui-se outra boa e importante discussão para o debate, pra gente levar adiante.

Então acho que por hora é isso, pra gente pensar no debate. Obrigado.